

## O TEATRO DO OPRIMIDO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS LUTAS SOCIAIS

FELIPE CREMONINI DE LEON; FABIANE TEJADA DA SILVEIRA

*Universidade Federal de Pelotas – felipecremonini@hotmail.com*  
*Universidade Federal de Pelotas – ftejadadasilveira@ig.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a intenção de expor reflexões sobre os movimentos sociais e as contribuições do Teatro do Oprimido (TO), elaborado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal. O TO auxilia na conscientização das opressões vividas pelos sujeitos, somando-se junto aos movimentos por conquistas de direitos. Utilizamos como referência para escrita do trabalho as ações desenvolvidas no projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas, o TOCO (Teatro do Oprimido na Comunidade).

A cada dia mais tem se falado sobre movimentos sociais, como feminismo, negritude e a luta LGBT, e a visibilidade destas lutas cresce em todas as formas de arte e mídia. A *web-celebridade* Julia Tolezano que fala sobre o poder feminino em seu canal no *YouTube*, a série estadunidense original do canal *Netflix*, *Orange is The New Black*, que levanta questões raciais e feministas e o grupo musical de Goiás, Banda Uó formado por dois homens homossexuais e uma mulher transexual, são apenas alguns dos exemplos dessa visibilidade. Mas é correto dizer que isso é o suficiente para dar voz a esses grupos tão marginalizados pela sociedade?

Destacamos alguns dados para ajudar na reflexão sobre o tema: O Brasil é considerado o país que mais mata pessoas transexuais no mundo (Dados da organização não governamental *Transgender Europe* entre 2008 e 2014), o grupo de defesa dos direitos humanos dos homossexuais mais antigo do Brasil, o Grupo Gay da Bahia, revelou em 2013 que um homossexual morre no Brasil a cada 26 horas, em números levantados pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) em 2015, uma mulher é assassinada a cada 2 horas no Brasil, para a população negra os números são ainda mais alarmantes: No mesmo estudo da Flacso, foi revelado que um jovem negro é morto a cada 23 minutos em nosso país. E as mulheres ainda recebem salário 25,6% menor que os homens para os mesmos cargos, de acordo com a Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe em 2014, e também levando em consideração o número de jovens homossexuais que são expulsos de casa ao se assumirem para a família, que é o suficiente para existir plataformas online que ajudem esses jovens, como o *Mona Migs*.

De acordo com essas informações, seria inapropriado dizer que vivemos em uma sociedade livre de preconceitos e opressões, considerando ainda que muita da visibilidade desses grupos se dá de forma errônea, por exemplo: A série *Orange is The New Black* aborda questões de negritude pela perspectiva da mulher branca, como explica a *blogueira* Stephanie Ribeiro: “O que é ser negro ainda é algo que também é definido por pessoas brancas. Um exemplo são as narrativas Hollywoodianas de sucesso que até contam histórias de pessoas negras, desde que não sejam contadas por pessoas negras.” (RIBEIRO, Stephanie. 2016) e até mesmo tal visibilidade é protagonizada por pessoas que sequer fazem parte do grupo oprimido, como por exemplo, a recente aparição do ator brasileiro Cauã Reymond interpretando uma mulher transexual no videoclipe

da cantora Barbara Ohana: “Onde estão e quando será a vez das atrizes e atores trans do Brasil?” (ÁVILA, Guilherme. 2016).

Mas porque o Teatro do Oprimido tem alguma coisa a ver com essa realidade? Augusto Boal comenta:

“O Teatro do Oprimido jamais foi um teatro equidistante que se recuse a tomar partido – é teatro de luta! É o teatro dos oprimidos, para os oprimidos, sobre os oprimidos e pelos oprimidos, sejam eles operários, camponeses, desempregados, mulheres, negros, jovens ou velhos, portadores de deficiências físicas ou mentais, enfim, todos aqueles a quem se impõe o silêncio e de quem se retira o direito à existência plena.” (BOAL, 2013. p. 26)

Baseado na ideia expressa acima por Boal que o projeto TOCO leva para as comunidades da cidade de Pelotas seu teatro e sua luta, visando o desenvolvimento de processos de conscientização do oprimido que faz parte da comunidade, para então poder mudar essa realidade.

## 2. METODOLOGIA

O projeto TOCO trabalha com uma cena de Teatro-Fórum, uma das vertentes do Teatro do Oprimido proposto por Augusto Boal. O Teatro-Fórum consiste em apresentar uma encenação para o público onde seja possível identificar claramente uma situação de opressão, no confronto o oprimido não consegue mudar a circunstância, e então o público (No Teatro-Fórum chamado de spect-ator, já que ele não é passivo da arte, e sim um interlocutor ativo) é chamado para entrar em cena no lugar do oprimido e tentar solucionar a situação, sem jamais se tornar o opressor. A cena proposta pelo TOCO é uma retratação de uma família tradicional, onde acontece um “jogo de poderes” entre os quatro personagens: O Pai, A Mãe, O Filho e A Filha, onde o pai representa a figura do chefe de família, a mãe tendo que lidar com suas obrigações domésticas e os filhos, ambos homossexuais em segredo, tendo que esconder dos pais essa realidade. A filha ainda tem a missão de começar a seguir os passos da mãe como “cuidadora do lar”.

Desde que entrei no projeto, em Junho de 2016, pude participar de duas apresentações da cena: A primeira no Desafio Pré-Vestibular, um curso coordenado por alunos da Universidade Federal de Pelotas para estudos com o foco na Educação Popular, e a segunda vez foi na Ocupação do Centro de Artes da UFPel, com os alunos ocupantes. É importante dizer que os atores da cena de Teatro-Fórum são rotativos, ou seja: ninguém no projeto tem um papel fixo, podendo todos interpretar qualquer personagem em diferentes apresentações.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência no Desafio Pré-Vestibular foi de certa forma, um pouco curiosa, já que se tratava do meu primeiro contato com o trabalho do TOCO e eu não estava em cena, analisava a aplicação do Teatro-Fórum como espectador. A dinâmica foi a mesma que viria a ser usada em todas as apresentações futuras: a cena fixa é apresentada, e depois o público é chamado para intervir como um dos personagens, no trecho de cena que ele preferir. É importante dizer que aqui trabalhávamos com um público de spect-atores majoritariamente mais velhos: pessoas na faixa dos 40 anos. As discussões foram sobre o que é o conceito de

“família tradicional brasileira” nos dias atuais, e se hoje é mais fácil um filho homossexual ser aceito pela sua família.

O público, por ser mais velho que a maioria dos aplicadores da cena, trouxe vários exemplos de suas vivências passadas e afirmam que sim, hoje um filho homossexual é mais aceito pela família do que na época em que eles eram jovens, mas que temos muito que avançar nesse sentido, já que ainda é comum um filho ser expulso de casa por se assumir gay, e a homossexualidade ainda é vista como algo fora dos padrões. Algumas mulheres também trouxeram relatos de opressões que sofriam em casa, tanto pelos seus maridos como pelos seus filhos, a frase “é bem assim como vocês mostraram” foi ouvida várias vezes durante a discussão.

A apresentação durante a ocupação do Centro de Artes da UFPel, além de ser um pouco mais delicada – um movimento de ocupação é sempre carregado com muito estresse, foi minha primeira experiência dentro de cena. E aqui podemos analisar algumas coisas: Um grupo de pessoas que está em ocupação está fazendo política, tem uma ideologia mais aberta e logo, mais próxima de Augusto Boal e sua obra.

No momento que os spect-atores entrarem em cena na ocupação do Cearte, foram todos destinados a dar voz às mulheres da encenação, questionar o porquê das tarefas domésticas ser uma responsabilidade feminina e posicionar-se contra um discurso que dita que ela não é boa para trabalhar. Um dos spect-atores inclusive, decidiu fazer a personagem da Mãe sair de casa e levar os filhos consigo. O mais interessante dessa experiência foi a discussão pós-intervenção dos spect-atores: vários relatos pessoais surgiram e foram desde uma rejeição que sofreram pela família, passando por opressões machistas dentro de casa até alguém que abandonou sua família por causa de opressões.

#### 4. CONCLUSÕES

Foi exposto neste trabalho que existe uma classe denominada “oprimida” que não goza dos mesmos direitos da “sociedade convencional” e ainda sofre repressões e medos por simplesmente existir. Também foi apresentado o posicionamento de Augusto Boal, o criador do teatro do oprimido, com essa situação: É um teatro para dar voz a esses oprimidos. E ainda foram citadas experiências com projeto TOCO da UFPel como uma visão prática desse estudo de Boal.

Mas o Teatro do Oprimido é a solução para acabar com a marginalização desses indivíduos? Não. O Teatro do Oprimido tem a intenção de abrir espaço para as pessoas falarem e fazê-las conscientes de sua situação de oprimidas, mas não é uma solução imediata. No Teatro-Fórum, por exemplo, a atitude dos spect-atores de se posicionarem contra as opressões, mesmo que em cena, já ajuda para que eles possam, no tempo cênico ter uma experiência que os motive para ter o mesmo posicionamento na vida real. “O teatro deve ser um ensaio para a ação na vida, e não um fim em si mesmo” (BOAL, 2013. p. 18).

Desta forma, o Teatro do Oprimido surge como uma ferramenta que contribui no processo de empoderamento desses oprimidos, para que eles possam voluntariamente se posicionar contra situações de opressão.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Redação. **Com 600 mortes nos últimos seis anos, Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais**. Catraca Livre, 05 mai. 2016. Cidadania. Acessado em 18 jul. 2016. Online. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/com-600-mortes-nos-ultimos-seis-anos-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais/>

RIBEIRO, S. **Orange Is The New Black: Quando nem tudo será sobre pessoas brancas?**. HuffBrasil Post, São Paulo, 30 jun. 2016. Blog. Acessado em 18 jul. 2016. Online. Disponível em: [http://www.brasilpost.com.br/stephanie-ribeiro/orange-is-the-new-black-q\\_b\\_10742732.html](http://www.brasilpost.com.br/stephanie-ribeiro/orange-is-the-new-black-q_b_10742732.html)

**Um jovem negro é morto a cada 23 minutos no Brasil**. O Hoje.com, 06 jul. 2016. Cidades. Acessado em 18 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://www.ohoje.com.br/noticia/cidades/n/120899/t/um-jovem-negro-e-morto-a-cada-23-minutos-no-brasil>

MATINS, I. **Uma mulher é morta a cada 2 horas no Brasil**. Exame.com, 09 nov. 2015. Brasil. Online. Acessado em 18 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/morte-de-mulheres-negras-no-brasil-avanca-54-em-dez-anos-aponta-estudo>

AFONSO, j. **Brasil tem uma morte de homossexual a cada 26 horas, diz estudo**. Uol Notícias, Rio de Janeiro, 10 jan. 2013. Cotidiano. Acessado em 18 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/01/10/brasil-e-pais-com-maior-numero-de-assassinatos-de-homossexuais-uma-morte-a-cada-26-horas-diz-estudo.htm>

ÁVILA, g. **Cauã Reymond é alvo de protestos de ativistas após viver transexual**. OTempo, 22 jun. 2016. Diversão. Acessado em 18 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/cau%C3%A3-reymond-%C3%A9-alvo-de-protestos-de-ativistas-ap%C3%B3s-viver-transexual-1.1327117>

O Globo. **Diferença salarial entre homens e mulheres ainda persiste**. O Globo, Brasília, 08 mar. 2016. Economia. Acessado em 24 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/diferenca-salarial-entre-homens-mulheres-ainda-persiste-18832252>

Villela, s. **Plataforma online ajuda homossexuais expulsos de casa a encontrar um lar**. Agência Brasil, Recife, 15 mai. 2016. Direitos Humanos. Acessado em 24 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-05/plataforma-online-ajuda-homossexuais-encontrar-lar>